

Yunes, Eliana

Poetas do modernismo brasileiro e a dimensão da fé

IV Jornadas Diálogos: Literatura, Estética Y Teología, 2010
Facultad de Filosofía y Letras - UCA

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central "San Benito Abad". Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la Institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Yunes, Eliana. "Poetas do modernismo brasileiro e a dimensão da fé" [en línea]. Jornadas Diálogos : Literatura, Estética y Teología : Miradas desde el bicentenario : Imaginarios, figuras y poéticas, IV, 12-14 octubre 2010. Universidad Católica Argentina. Facultad de Filosofía y Letras, Buenos Aires.. Disponible en: <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/ponencias/poetas-modernismo-brasileiro.pdf> [Fecha de consulta:]

POETAS DO MODERNISMO BRASILEIRO E A DIMENSÃO DA FÉ

ELIANA YUNES
(PUC-RIO - ALALITE)

A crise metodológica das ciências no século XIX impôs a verticalização da pesquisa e a especialização como recurso ao compromisso de desvendamento total do mundo pela ciência iluminista, certa de que estava à beira de ter as chaves do conhecimento já enciclopédico.

O século XX descobriu com a física quântica que o mundo estava por descobrir, mais próximo do mistério insondável do poético e da arte em suas intuições e mundos paralelos. Esta revolução atingiu em cheio o método cartesiano que fundara os procedimentos na modernidade. Não que a razão devesse ser descartada, mas outras percepções do saber retornaram à cena. Nas fronteiras do século XXI, assistimos um movimento de caráter transdisciplinar, fortalecido pelo descortino da complexidade, já que a simplicidade buscada anteriormente se confundira com o reducionismo e a sacralização de modelos, logo entrevistados como provisórios.

É neste horizonte que se vem alcançando a ampliação dos focos e a articulação dos ângulos no trato de questões que oferecem muitas interfaces, admitindo-se a multidisciplinaridade das abordagens. Ou fazendo avançar o diálogo entre diferentes áreas do conhecimento, através de uma prática interdisciplinar. O trabalho não é fácil, nem pode ser superficial. Envolve aspectos epistemológicos, metodológicos e teóricos de grande riqueza e desafio.

Acrescente-se a isto, o fato de que a polarização sujeito/objeto, consagrada por séculos, caiu por terra com a visão da psicanálise e da filosofia sobre o próprio homem. Se o conhecimento se produz em “um lugar-entre”, se a experiência transtorna o experimento, as variáveis e nossas circunstâncias compõem também os resultados a que chegamos. De Bakhtin e Benjamin a Foucault, Freud e Deleuze, para citar pilares, o universo de sentido revelou-se deslizante, o que por um lado valoriza cada homem/todos os homens, por outro retorna a exatidão e o absoluto para o domínio da divindade e os retira do homem. Quanto mais sabemos, mais sabemos que sabemos pouco e a humildade, virtude tão sofrida no mundo intelectual é uma exigência de base: escuta, tolerância, diálogo, atos que nos fazem entrever o rosto do Senhor de todas as coisas que as partilhou conosco. Conversa de fé? Também. O mistério se alarga, evidentemente, quanto mais a ciência avança. Não seríamos deuses, mesmo que Ele não estivesse aqui. Um Deus criaria sempre, fonte de vida e sabedoria e nossas invenções confundem criar e destruir.

Esta convicção tem levado pesquisadores a se reunirem para pensar, trocar, aprender, colaborar, em grupos de estudo que se caracterizam por uma busca em comum a partir de diferentes campos do saber. Unir seus métodos, ou melhor, construí-los a quatro mãos, é um exercício em que se vêm empenhando teólogos e críticos de literatura, motivados mais ainda pelo fato de que a palavra sagrada, e não apenas a judaico-cristã, se funda sobre imagens e ritmos poéticos, aberta à pluralidade de sentidos, ao deslocamento espaço-temporal, ao diálogo vivo com a cultura. Não haveria melhor motivação para empreender esta (a)ventura, só comparável à viagem no mar através da contemplação das estrelas, e à viagem pelas estrelas através do cálculo e intuição – olhar - humanos, da Terra.

Alguns trabalhos teóricos começam a refletir sobre o caminho e tem aparecido tanto em regiões periféricas, quanto no que denominamos culturas híbridas. Os saberes, múltiplos, pedem audiência não mais especializada e autoreferente, mas carecem de outros olhares, de trocas, de afetos, no sentido original do termo. As disputas cedem lugar a uma necessária colaboração, se queremos alargar os horizontes de nossas experiências.

É o que vimos fazendo na ALALITE, agregando pesquisadores de literatura e teologia, mas tomando empréstimos de outras áreas do conhecimento, de diferentes instituições, em freqüentes iniciativas que fazem debruçarem-se sobre questões tópicas da linguagem, os olhares de psicanalistas, filósofos, escritores, críticos, artistas, antropólogos e teólogos, que diante da amplitude da tarefa, apenas começamos. As publicações assomam acena e novos parceiros surgem em diversos países.

O que vem se configurando como um diálogo promissor tem se constituindo, no entanto, em tarefa que cabe a muitos dar um estatuto de natureza exemplar, uma vez que o ponto de partida, a matéria-prima aqui é o Verbo: onde Deus e Homem se encontram. Estas práticas de pensar a literatura e a teologia à luz do verbo humano provoca repensar o Verbo divino, o sopro de Espírito sobre os mortais: Sua expiração é a nossa inspiração.

A fisiologia humana e a Bíblia nos dizem que a palavra existe como produto da própria respiração - está ligada aos pulmões -, ar que inspiramos ao nascer e que, ao nos faltar, perecemos. A Bíblia nos conta que ele é o próprio espírito de Deus, soprado onde quer e que não sabemos de onde vem, nem para onde vai. Seja na perspectiva profana, seja na sagrada, o sopro divino sobre o homem seduz e arrebatava em demanda para romper as fronteiras do cognoscível pela razão pura ou pela pura intuição.

No artigo Teologia y Espiritualidad que aparece em *Selecciones de Teologia*, H. U. von Balthasar, aproxima da literatura “soprada” aos ouvidos do poeta, o sopro do Espírito na história humana, através da escuta dos profetas. Segundo Karl Rahner, o ser humano é o ouvinte da Palavra que se transforma em escrita canônica pelo reconhecimento do autenticamente sacro, por ter sua fonte na inspiração divina manifesta em circunstâncias históricas de contradição.

Tratando-se de apresentar os estudos da palavra, no horizonte da interdisciplinaridade, aproximam-se com bastante evidência os discursos da espiritualidade e da arte, especialmente o da mística e o da poesia. Ambos lidam com o limite da palavra para expressar o impronunciável, a experiência que tangencia o absoluto e a plenitude, que tanto a dor quanto a alegria podem fomentar. Mais além disto, na ordem das produções discursivas, a teologia e a literatura procuram apresentar-se com áreas do saber, de rigor e base teórico-metodológica próprios, mas aqui aproximados como caminho para o diálogo interdisciplinar, já que a intertextualidade entre elas tem sido freqüente nos estudos da ficção.

Entre a poesia e a dimensão espiritual, religiosa que aporta a teologia há afinidades já apontadas anteriormente. Na origem de ambas, está o fenômeno da inspiração. Sob sua égide, poetas e profetas têm manifestado a força das musas e do Espírito Santo.

Em outro lugar já dissemos que se a teologia se desenvolve sobre a escrita sagrada, a literatura consagra a escrita como registro da experiência humana que se dirige a todo homem. Paul Ricoeur nos diz algo sobre esta via de mão dupla, ao refletir sobre a nomeação de Deus que acontece sempre no seio de um pressuposto: nomear Deus é realizar o que já teve lugar nos textos que o pressuposto de minha escuta tem proferido. Ele não está colocando os textos acima da vida ou da experiência religiosa, mas diz que as experiências humanas são em alguns momentos sinônimas do que se chama fé e portanto têm o que dizer à teologia. Aquela não se deixa reduzir a nenhuma escritura, mas é numa linguagem que a experiência da fé se articula. Esta textualidade se torna materialmente falando na expressão que precede a vivência. Como a escritura se torna narrativa e esta narrativa não representa nem equivale à experiência em si, o discurso das sagradas escrituras tende a uma hermenêutica que não está no fato, mas no seu deslocamento o que promove uma expressão poética e mística da vivência.

Uma senhora casada, dona de casa em uma cidade muito pequena no interior de Minas Gerais, Adelia Prado surpreende o rosto de Deus na simplicidade dos gestos cotidianos, transfigurados pela percepção da delicadeza:

Enseñanza
 Mi mamá pensaba que el estudio
 Era la mejor cosa del mundo. No lo es.
 La mejor cosa del mundo es el sentimiento.
 Aquel día, de noche, mi papá en el sarao,
 Ella habló conmigo:
 “Pobre, hasta esas horas en el servicio pesado”
 Ordenó pan y leche, dejó la cazuela en el fuego
 Con agua caliente.
 No me habló de amor.
 Esa palabra de lujo.

Seu discurso poético promove a humanização de Deus, tal como fez Cristo, enquanto caminhava na história, aproximando o Amor das criaturas, de forma vital. Desta maneira, Adelia faz baixar pequenos sinais do paraíso, comunicando céu e terra:

Epifanía
 Sucederá una de estas cosas:
 Ladra un perro
 Lloro o grita un niño.
 Está ahí en el poema.

Para ela a poesia não apenas rima com profecia, mas ambas pertencem à mesma natureza que está em dizer o indizível:

Antes del nombre
 Quien entiende el lenguaje, entiende Dios
 Cuyo Hijo es el Verbo.

Na poesia adeliana não há limpo ou sujo, coisas nobres ou mesquinhas, ela reconhece a mão do Senhor em tudo na vida sem exclusão de coisa alguma:

Dios no me ha hecho de la cintura hacia arriba
 Para el demonio hacer lo demás.

A entrega total da criação começa pela encarnação do Verbo:

Saludo
 Te saludo carne florecida em Jesús

 Donde hizo el Amor inteligible.

Assim, os acontecimentos e seu dizer surpreendem como o mundo a uma criança. Com os olhos da infância vê e expressa um lado invisível das coisas :

Tengo miedo, es de día;
 de noche, no,
 Porque está claro.

A mística de Adélia Prado é carnal e material, desvelando a graça da vida tanto nas dores como nas alegrias, criando outra vez a boa nova, o evangelho singelo como o das parábolas, que equipara poetisas e místicas:

Así son las poetisas, las místicas,
Tienen hipérboles y éxtasis
El brillo que la razón no opaca,
Goce prometido a los simples de corazón.

Adelia propõe como eu já ahavia indicado em artigo anterior, uma espiritualidade a partir do corpo, da materia, porque aí justamente Deus salva e sua voz poética espreita o não-dito, como indicava Otávio Paz sobre algo próprio do lirismo. Isto também a aproxima de George Bataille, sobre a “experiencia interior que funde corpo e almasob a forma de um erotismo sem manchas, onde pelo contrario, pulsa a carne em desejos de consumir-se em Deus, como já o escutamos da boca de Tereza de Ávila e que pela pena de Adélia, soa íntegra esta condição carnal:

El cuerpo no tiene desvíos,
Sólo inocencia y belleza
Tanta que Dios nos imita
Y quiere casarse con su Iglesia
Y declara que los pechos de su amada
Son como hijos gemelos de la gacela...

Por isso os romances de Adélia são uma jornada de auto-conhecimento para aproximar-se de Deus através de seu filho homem,, sua única dimensão visível:

un día veremos a Dios con nuestra carne”
el espíritu no es quien lo sabe,
lo es el mismo cuerpo,
el oído,
el conducto lacrimal
el pecho que aprende:
respirar es difícil.

Assim Adélia promove uma tensão permanente entre o entrevisto e o visível em busca de serena comunhão.

Na mesma Minas Gerais de fortes reminiscencias católicas, das igrejas barrocas e memórias de conventos e pregações, na urbana Juiz de Fora de grandes indústrias, a voz de Murilo Mendes ecoa ímpar, em cenário de cultura banhada de religiosidade.

Nas palavras de José Carlos Barcelos, a reflexão que começa a ser esboçada por Murilo ainda na juventude – leia-se A idade do Serrote –, passa por uma perspectiva teológica defendida por Karl-Joseph Kuschel, pela qual na contemporaneidade, a busca de Deus como resposta para a existencia, encerra uma pretensão explicativa e limitadora do papel divino, quando em verdade, mais bem o sentimos como a pergunta que não cala, diante dos horrores que a inteligencia humana não deixa de perpetrar.

Antes é a inquietude que conclama e prepara mentes e corações para reconhecer a vívida presença de Deus entre os homens. É na própria crise do sentido da vida que Deus pode tomar corpo novo e ser reconhecido pelos homens. Como Jacó, lutando em meio a noite, ferido e marcado, troca inclusive de nome, ao avistar-se com um Deus que não quer perder sua criatura.

Murilo em livro excepcional, O Discipulo de Emaus, perfaz ele mesmo o caminho entre Jerusalem, de sua infancia e Emaus, na maturidade, trajeto em que rememora a fé , escuta de

novo o avesso das aparências, surpreende-se com o cristianismo que lhe informara a memória e o reacende na vida. Como O discípulo que redescobre o Senhor em nova perspectiva parte em missão para converter Ismael Nery, pintor modernista e seu conterrâneo.

Para ele somos todos homens de Emaus, distanciando-nos da insuportável derrota, entregue à resignação de que o mundo afinal seja mesmo o que é. Assim o mistério da vida é o mesmo que cerca a poesia, pois “Deus sempre se manifestou poeticamente”

Para Murilo, a poesia é “a prática dos deuses” e comenta que as tragédias gregas que ajudaram a Freud pensar na psicanálise, empalidecem diante do *Livro de Jó*.

Alerta que “a leitura nos deve ler, tanto quanto ser lida” e clama pelo simples e pelo sublime que se tornaram ridículos para a modernidade, fazendo com que a poesia tenha perdido seu lugar na vida. Este livro se torna uma teologia de bolso, não pelo caráter aforístico, mas pela síntese que constrói, “escutando Cristo e rememorando-o no caminho de volta à comunidade perdida : O homem é um ser futuro, profetiza: “Um dia seremos visíveis, porque o que é humano em Cristo será o divino no homem.”

Sua poesia é pois um anúncio poético e dramático da boa nova rapidamente esquecida da vida moderna.

Em outra vertente se encontra Cecilia Meireles, que através de melancolia constante faz de seu poema um esforço para escapar da fragilidade do mundo, da debilidade das coisas para alcançar o eterno, o permanente.

Contudo em seus versos que fazem menção ao texto bíblico, com frequência tem sombras e imagens de desprendimento ao gosto oriental que muito justamente admira em Tagore. Sua poesia é indubitavelmente espiritualizada e almeja a paz definitiva, o consolo que venha do Alto, e o mais alto que conhece é o Poema. Daí que seu diálogo com a Bíblia passe pelo Cântico dos Cânticos e que seus interlocutores cristãos sejam Juan de la Cruz e Tereza de Ávila.

Longe de acatar o materialismo moderno, Cecília subliminarmente questiona a imperfeição da vida, clamando pelo inacessível que traria enfim consolo aos homens. Cecília procura o Absoluto que tanto está no budismo como no platonismo e lhe escapa como num “diálogo obscuro, continuado através de séculos impossíveis”.

Sua tradição é a dos sabem que o Espírito preside o conhecimento mas o caminho até ele é feito de *Solombres* o que se não inviabiliza a comunicação, transforma a vida em sondagem permanente da verdade que se esquia. Nas palavras do crítico David Arrigucci, sua poesia tem a “obsessão do insondável”. Reconhece a filiação da poesia a este veio discursivo que tangencia o mistério, o impalpável: “Eu me pergunto se esta poesia, se esse mistério que nem o poeta explica não nos aproxima da religiãoem geral e até do Cristo em particular; [...] pergunto-se me não é de natureza sagrada esta indefinível chama que a Poesiadificilmente revela mas está destinada a conter”.

Já em seu leito de norte escreveu este poema que como uma chave de ouro dos sonetos fecha sua poesia completa com os versos:

Parusia

Moriré sin asistir aquella llegada:

Cuando los cielos se abrirían en haces de luz

Y la Presencia descendería del Misterio.

Cuando nos sentiríamos alegres y dichosos,

El corazón como un ramo de flores

Los ojos con todas las constelaciones.

No: la parusia se quedó en aquel libro dorado,

Con páginas tan leídas, tan volteadas, tan gastadas,

Con pequeñísimas oraciones en los cantos.

El libro que vivía entre tus dedos antiguos.

Ahí vi la Presencia, la luz del Cielo, la felicidad del mundo.

El resto aparece apenas en mi alma.

Cecilia contempla o ordinário, sonda o extraordinário e usa a linguagem poética como aspiração a algo mais, sem contentar-se nunca com o resultado.

De forma bastante diversa, sem nenhum esforço de ascese, mais que espiritualidade, uma religiosidade multifacetada percorre a obra de Mario de Andrade, nas pesquisas sobre a cultura brasileiras levadas a cabo por conta de seu sonho de uma enciclopédia brasileira. Mario, menino de família paulistana de classe média burguesa, bebe uma fonte as contradições do catolicismo de missa aos domingos e pouca justiça social.

Estudos sobre a crença na obra do autor, apontam segundo Adna de Paula, para a construção mesma dos conceitos de religião sagrado, religiosidade que ele desenvolve em sua obra poética. Ao longo da escrita é possível perceber um ecumenismo - ζ - *avant-la-lettre* e uma assimilação antropofágica das crenças que recolhe das vivências de diferentes etnias que convivem na cultura nacional.

Pouco a pouco se percebe que a densidade poética que ele alcança é acompanhada por maior maturidade no tocante à religiosidade, que vai num crescendo segundo a seleção de poemas paradigmáticos feita pela crítica Suzi Sperber: *Jorobabel*, *Domingo*, *Religião*, *Carnaval Carioca* e *A meditação sobre o Tietê* constituem os eixos de referência para tratar da religiosidade do poeta que instala em 1922 a *Semana de Arte Moderna*, em São Paulo.

Ao mesmo tempo que difusa, heterogênea e miscigenada, a crença no sobrenatural lhe chega não só das raízes familiares mas das pesquisas que empreende pelo país, em processo de inculturação permanente face aos missionários europeus em contato com as tradições espirituais de indígenas e negros.

A preocupação de Mario com as expressões da religiosidade popular passavam, por certo pelo seu gosto pela etnografia e antropologia, mas uma verdadeira devoção de colecionador cercou a preservação de objetos rituais que passaram a perseguição em dado momento.

Aspectos de sua religiosidade apontados por Andre Luiz Pires Leal Camara em tese na PUC-Rio, confirmam um caráter religioso, até mesmo supersticioso em certas circunstâncias nas quais a mescla de aportes de diferentes práticas acabaram por reportá-lo à herança da religião trazida do berço sem maiores compromissos eclesiais.

Caminhamos por fim ao universo dos avessos a quaisquer expressões religiosas com direito a declarações de ateísmo, caso de João Cabral de Mello Neto. Duas peculiares envolvem a obra deste poeta de domínio completo do idioma, avesso ao romantismo e sensibilidades semânticas, tomado como cerebral, metonímico e conhecer exímio das formas e rimas sem ser pasadista.

Escreve o mais celebrado *Auto da Cultura* brasileira erudita, com base na tradição dos cantos e contos populares, sem se render aos consentimentos do riso ou da ironia; antes em seu *Auto de Natal Pernambucano* faz uma comovente peregrinação sobre a miséria do homem nordestino que desemboca na esperança da vida nova que Morte e Vida Severina celebram no nascimento franzino de um menino cabloco.

O outro episódio, de caráter biográfico, extra sistema literário, foi relatado por sua viúva, a poeta Marli de Oliveira. Pressentindo súbitamente a morte, após o café da manhã, o poeta descrente pediu-lhe que rezassem de mãos dadas um *Pai-Nosso* que ele imaginava não recordar.

O referido *Auto*, extremamente popular entre cultos e iniciados, foi inteiramente composto sobre linguagem, paisagem e circunstâncias efetivamente populares, constituindo-se em encenação de cada natal para toda uma população brasileira, renovada pelas mídias e novas tecnologias.

O longo poema faz uma profissão de fé na vida em meio a desesperança que cerca o homem da terra, o migrante expulso de suas tradições e de seus direitos. Musicado por Chico Buarque de Hollanda alcançou status de celebridade da obra do poeta mais sofisticado e hermético do modernismo.

Com Carlos Drummond de Andrade, aluno de jesuitas que acabou expulso do internato por escrever poemas nas aulas de matemática, contam os memorialistas, contornou a ques-

tão da religiosidade mineira investindo numa reflexão de ordem metafísica que acabaria por levá-lo a um agnosticismo mais lendário que assumido.

O poeta que acabou por consagrar Adelia Prado, com uma saudação nos jornais, mal terminara de ler o original de seu primeiro livro, entusiasmado com a força mística de seus versos, teve sua obra devassada pelo olhar de grandes críticos e mesmo por teopoéticos arrojados. Tomo a leitura de Affonso Romano de Sant'Anna, para referir tres palavras-chave no entendimento desta poesia tomada entre as de maior relevo de toda a história da poesia no Brasil.

Carlos Drummond lança seu primeiro livro, com o primeiro poema a nos contarque:

Quando nasci,
Um anjo torto,
desses que vivem na sombra,
disse: Vai Carlos, ser “gauche na vida”!

Nesta abertura a ideia do torto, anjo torto, das sombras e da pouca luz ou nenhuma, o mandato para ser “gauche” colocam de saída o poeta à distancia das Luzes que prometem o paraíso.

Ao longo de sua obra reunida com quase mil poemas, Drummond avança sobre a sombra com um discurso metafísico que perscruta o mundo, sua máquina e seu sentimento, para constatar a aporia no meio dos homens.

Reservado, quase tímido, contemplava o mundo, contudo sem placidez, a partir de lentes bastante críticas, capazes de tirar o leitor de seu repouso. Sob este disfarce entre outros, o poeta, por oposição ao Vinicius de Moraes, poetinha, envereda por um longo caminho de observação da solidão, do medo, da morte, do ser e do tempo, heideggerianamente, depois de haver saído das montanhas de Minas, para o mar carioca. Abriu seu olhar para o mundo e este já não cabia em si, como antes. Agora, poeta-pensador, ele não pode evitar o mergulho no “claro enigma” ou recusar o mistério: Aporo é uma das respostas sem saída. Quem é o homem? Perguntava o filósofo alemão e respondia: não saberemos nunca a não ser poetando! Foi assim com Drummond que chega às “Impurezas do Branco” para admitir a busca do sentido. Busca, mais do que achado, eis a sua questão.

Sem qualquer confissão religiosa, escreveu a cada Natal um poema em que os valores do Deus-menino ficam frente a frente com a falta de valores no Homem: prazeres, mercado, poder, personalismo viram pó diante do renovado mistério.

A poesia brasileira modernista, no seu conjunto, expressa uma rebeldia de muitos tons e não se desvencilha senão de um catolicismo estreito, de um cristianismo diminuído não por perseguições, mas pela estreita prática e visão obtusa dos evangelhos.

Em panorama mais amplo com outros autores será talvez possível matizar ainda melhor as múltiplas vozes deste coro humano em busca do Ser, através da Poesia.

Referencias bibliográficas:

- BARCELLOS, JOSÉ CARLOS, Revista Gragoatá nº 8/200 p. 113-128.
 BATAILLE, G., *A experiencia interior*, Atica, São Paulo, 1992.
 MEIRELES, CECÍLIA, *Obra Completa*, Aguilar, Rio de Janeiro, 1964.
 MILES, J., *Cristo uma crise na vida de Deus*, Schwarcz, São Paulo, 2002.
 —, *Deus, uma biografia*, Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
 MOLTSMANN, J., *El Dios Crucificado*, Sígueme, Salamanca, 1975.
 PRADO, ADÉLIA, *Poesia Reunida*, Siciliano, São Paulo, 1991.
 RAHNER, K., “Theos en el Nuevo Testamento”, en RAHNER, K., *Escritos de Teologia* vol. IV, Taurus, Madrid, 1975, 93-165.

SANT'ANNA, AFFONSO ROMANO, *O gauche no Tempo*, Vozes, Rio, 1974.

YUNES, ELIANA E BINGEMER, MA. CLARA, *Murilo, Cecília e Drummond: com Deus em cem anos de poesia*, Edições Loyola, São Paulo, 2004.

— (org), *Mujeres de Palabra*, Buena Prensa, México, 2004.